

FOTO DADA PETROLE

TERRA EM TRANSE

CURADORIA DIÓGENES MOURA

PRESSKIT DIGITAL



instituto  **mirante**

 **CARIRI**
Centro Cultural



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

TERRA EM TRANSE: EXPOSIÇÃO COM CURADORIA DO ESCRITOR DIÓGENES MOURA CHEGA EM 16 DE SETEMBRO AO CENTRO CULTURAL DO CARIRI

Em nova edição ampliada, reunindo cerca de 700 imagens de mais de 70 fotógrafos brasileiros, a mostra foi exibida no Fotofestival SOLAR, em Fortaleza, e no Museu Afro Brasil, em São Paulo, nos anos de 2018 e 2021, respectivamente.

O Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo – espaço que integra a Rede Pública de Equipamentos e Espaços Culturais (RECE) da Secretaria da Cultura do Ceará, gerido pelo Instituto Mirante de Cultura e Arte – realiza a abertura da exposição Terra em Transe, com curadoria de Diógenes Moura, no dia 16 de setembro, a partir das 18h, nas Galerias 1 e 2 do equipamento. A mostra chega ao Cariri cearense reunindo cerca de 700 imagens de mais de 70 fotógrafos brasileiros, incluindo 11 fotógrafos e um artista visual da região, com mais de 30 imagens selecionadas.

Concebida para o Fotofestival SOLAR, realizado em 2018 na cidade de Fortaleza, a exposição narra a vida real de um Brasil pelo qual Diógenes Moura viaja há mais de 50 anos, com uma visão curatorial de forte contexto sociopolítico e com o projeto de permanente atualização nacional, anunciando assuntos políticos, sociais, ambientais e culturais.

Na segunda edição, realizada no Museu Afro Brasil, em São Paulo, contou com a adição de temas como as queimadas no Pantanal e na Amazônia, o incêndio na Cinemateca, o desastre ambiental em Brumadinho e a tragédia social provocada pela pandemia de Covid-19. Nessa ocasião, recebeu da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) o prêmio de melhor exposição fotográfica em 2021.

Em território caririense, Terra em Transe amplia o retrato de um país marcado por constantes contradições. Com obras de Telma Saraiva, Titus Riedl, Fluxo Marginal, Dada Petrole, Hélio Filho, Samuel Macedo, Giovanna Duarte, Constance Pinheiro, Allan Bastos, Nívia Uchôa, Rubens Venâncio e Rafael Vilarouca, a exposição apresenta uma região decisiva na construção nacional de uma realidade violenta em diferentes tradições e expressões.

“Eu acompanho a produção artística do Cariri desde 2006”, afirma Diógenes Moura. “Para a atualização da exposição aqui, a edição de imagens foi feita ao lado do fotógrafo Allan Bastos”, diz. Sobre a mostra, o curador afirma: “Terra em Transe é uma exposição feita para magoar, silenciosa, sem piedade a respeito do grande abismo que é o Brasil. Por isso mesmo, cada fotografia necessita de tempo para ser vista. É uma exposição contrária ao mundo da rapidez”.

Para Rosely Nakagawa, diretora do Centro Cultural do Cariri, “A mostra nos faz observar a complexidade da conexão entre os territórios, trajetórias e comunidades de todo o Brasil”. Ela acredita que a fotografia é um instrumento valioso de memória, transformação e expressão. “Quem sabe, com esse registro, possamos ter uma nova visão da cultura e da sociedade, que nasce de um desastre anunciado, fazendo surgir no horizonte um alerta, por meio da imagem, para uma evolução cultural através da arte e da educação”, afirma.

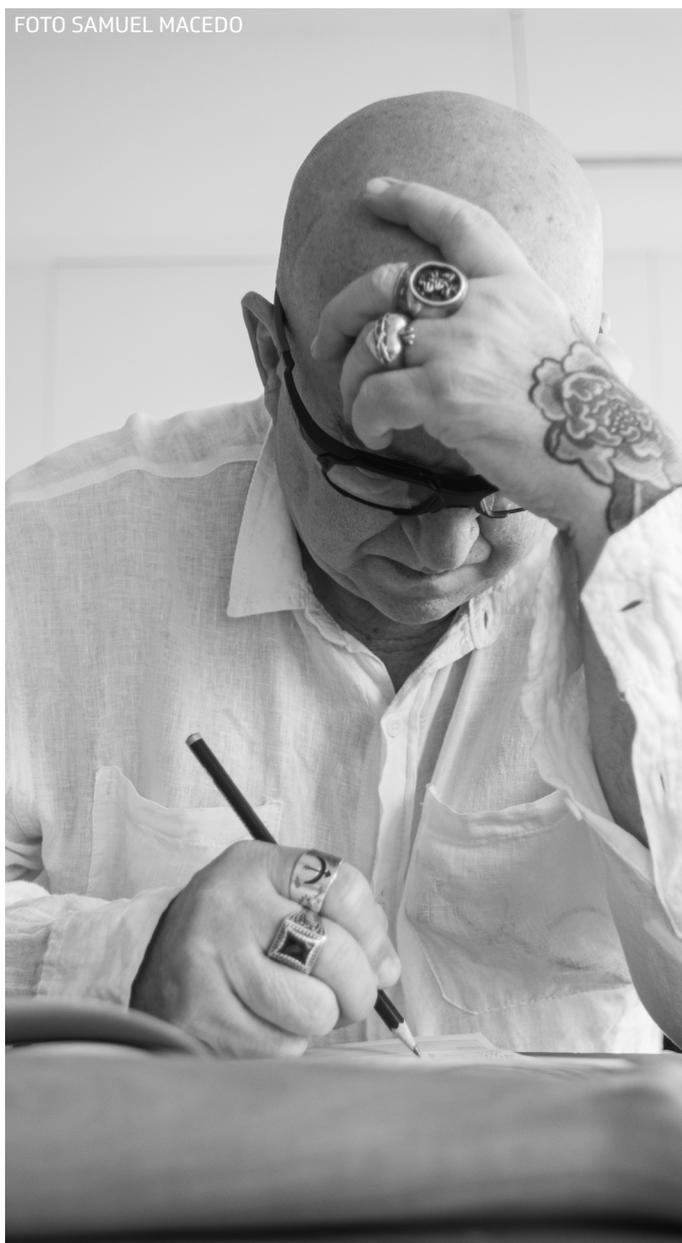
As imagens dos fotógrafos e artistas visuais do Cariri contam histórias reais que existem ao redor da fé e da cultura regional. No texto “CULTURA: DO LATIM COLERE: CUIDAR”, que integra a exposição, Diógenes Moura apresenta personagens e ritualísticas do território que resistem entretempos, como a beata Maria de Araújo, conhecida pelo milagre da hóstia ocorrido na cidade de Juazeiro do Norte. “A hóstia consagrada que sangrou entre os lábios daquela menina-beata, que fazia bonecas de pano para vender, faz parte do passado, mas é também presente e será futuro: cultura popular impregnada de simbolismos.”

A versão original de Terra em Transe conta com trabalhos dos autores cearenses Fernando Jorge, Nicolas Gondim e de Celso Oliveira, fotógrafo radicado no Ceará há quarenta anos. Maureen Bisilliat, Mário Cravo Neto e Lalo de Almeida também integram a exposição, ao lado de registros de fotojornalistas de todo o país desde a Ditadura Militar, como Nair Benedicto, Evandro Teixeira e Marlene Bergamo, com trabalhos que remontam ao período do AI-5, em 1968, até o incêndio no Museu Nacional em 2018, atravessando as manifestações religiosas, o caos urbano e as desigualdades que costuram o Brasil.



FOTO CELSO OLIVEIRA

FOTO SAMUEL MACEDO



DIÓGENES MOURA

Escritor, curador de fotografia, roteirista e editor, Diógenes Moura é premiado no Brasil e no exterior. Publicou, pela Editora Vento Leste, O livro dos monólogos (Recuperação para ouvir objetos) e Vazão 10.8 – A última gota de morfina, ambos semifinalistas do prêmio Oceanos em 2019 e 2021, respectivamente. Em 2021, lançou o documentário Inflexível como o inferno, em parceria com Daniel Kfourri, um dos autores presentes na exposição. Acompanha o processo de montagem de Terra em Transe desde a chegada das obras até sua abertura no Museu Afro Brasil. Escreve sobre abandono, imagem e existência. Vive e trabalha em São Paulo.

SOBRE O CENTRO CULTURAL DO CARIRI

Inaugurado no dia 1º de abril de 2022, o Centro Cultural do Cariri é um espaço para discussão, promoção e fazeres das artes, ciência, cultura e natureza, aliados à tradição cultural e à contemporaneidade. Além disso, é aberto aos processos de experimentação e intercâmbio.

O equipamento atende à região do Cariri cearense e conta com uma infraestrutura de mais de 50 mil m². É constituído de espaços expositivos, anfiteatro para ensaios e projeções de cinema, teatro escola, salas de aula e ensaio, reserva técnica, restaurante escola, café e planetário, ainda em processo de estruturação.

Atualmente, está aberto ao público às quintas e sextas, das 15h às 20h, e aos finais de semana, das 8h às 20h, com toda área externa composta por pistas de skate, brinquedopraça, areninha, quadras de vôlei e grande área verde. Toda a programação é gratuita.

ONDE ESTAMOS LOCALIZADOS

Av. Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, 1,
Gizélia Pinheiro (Batateiras), Crato, Ceará

SERVIÇO

Exposição Terra em Transe
Curadoria de Diógenes Moura
Centro Cultural do Cariri – Galerias 1 e 2 – Piso 2
16 de setembro de 2023 a 16 de março de 2024

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Bibiana Belisário
ascom.cccariri@institutomirante.org



FOTO SAMUEL MACEDO



SOBRE O FOTOFESTIVAL SOLAR

Com regularidade bienal, o Fotofestival SOLAR faz parte de um plano de fortalecimento da cultura e das artes por meio da fotografia, integrando o calendário de eventos estratégicos da Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Ceará.

A primeira edição ocorreu de dezembro de 2018 a abril de 2019, em Fortaleza. Reuniu fotógrafos, pesquisadores, curadores, artistas e o público em geral em momentos de profunda reflexão sobre os tempos vertiginosos que vivemos. Além de atividades de formação, oficinas, apresentação de portfólios, projeções e debates, o SOLAR contou com cinco exposições em diferentes espaços do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

A segunda edição ocorreu de dezembro de 2022 a abril de 2023, evidenciando a relevância do sonho e da alegria na imaginação de outros futuros e realidades. Com sete exposições e diversas atividades culturais e de formação, o SOLAR ocupou a Pinacoteca do Ceará, a KUYA – Centro de Design do Ceará, o Museu da Imagem e do Som do Ceará e a Estação das Artes.

[SITE DO FOTOFESTIVAL SOLAR](#)

FOTO MIRIAM FICHTNER

TERRA^{EM}TRANSE

AO TODO

SÃO CERCA DE 700 IMAGENS DE MAIS DE 70 FOTÓGRAFOS BRASILEIROS QUE INTEGRAM A MOSTRA.

**ADENOR GONDIM - ALLAN BASTOS - ANA
CAROLINA FERNANDES - ANA POVOAS -
ARAQUÉM ALCÂNTARA - AVENER PRADO
BETO FIGUEIROA - BORIS KOSSOY -
CARLA CARNIEL - CARLOS MOREIRA
- CELSO BRANDÃO - CELSO OLIVEIRA
- CLAUDIA GUIMARÃES - CONSTANCE
PINHEIRO - DADA PETROLE - DANI
TRANCHESI - DANIEL KFOURI - DANIEL
MOREIRA - DANIEL SANTIAGO - DANILO
GALVÃO - DANILO VERPA - DIÓGENES
MOURA - EDU SIMÕES - ELZA LIMA
- ERIC GOMES - EVANDRO TEIXEIRA -
FERNANDO JORGE - FLUXO MARGINAL
- GABRIELA BILÓ - GILVAN BARRETO
- GIOVANNA DUARTE - GUY VELOSO -
HÉLIO FILHO - HIROSUKE KITAMURA -
JOÃO CASTELLANO - JOAQUIM PAIVA -**

JUCA MARTINS - LALO DE ALMEIDA - LUIZ BRAGA - LUIZ SANTOS - MARCELO REIS - MÁRCIO LIMA - MÁRCIO VASCONCELOS - MARCO ALVES - MARCUS LEONI - MÁRIO CRAVO NETO - MARLENE BERGAMO - MAUREEN BISILLIAT - MAURÍCIO SERRA - MICHAEL DANTAS - MIGUEL CHIKAOKA - MIRIAN FICHTNER - MORFEU GILSON - NAY JINKNSS - NAIR BENEDICTO - NICOLAS GONDIM - NÍVIA UCHÔA - NUMO RAMA - ORLANDO MANESCHY - PAULA SAMPAIO - RAFAEL VILAROUCA - RICARDO LABASTIER - RICARDO SENA - RICARDO TELES - ROCHELLE COSTI - ROSA GAUDITANO - RUBENS VENÂNCIO - SAMUEL MACEDO - SÉRGIO BADE - TELMA SARAIVA - TITUS RIEDL - UANDERSON FERNANDES - VICTOR DRAGONETTI - WAGNER ALMEIDA - WANDERSON ALVES

O CARIRI ESTÁ AQUI

FOTO SAMUEL MACEDO

12 AUTORES DA REGIÃO DO CARIRI PARTICIPAM
DESTA EDIÇÃO DE TERRA EM TRANSE.

ALLAN BASTOS
CONSTANCE PINHEIRO
DADA PETROLE
FLUXO MARGINAL
GIOVANNA DUARTE
HÉLIO FILHO
NÍVIA UCHÔA
RAFAEL VILAROUCA
RUBENS VENÂNCIO
SAMUEL MACEDO
TELMA SARAIVA
TITUS RIEDL

No dia 30 de dezembro de 2022, um rato de esgoto que governou o Brasil durante quatro fatídicos anos, entrou em um avião e, covardemente, fugiu do país, como fazem todos os vermes da sua espécie. No dia primeiro de janeiro de 2023, outro homem, eleito pelo povo com uma pequena margem de vantagem (50,90% a 49,10%), subiu a rampa do Palácio do Planalto para receber a faixa e assumir a Presidência da República. Ao seu lado estavam oito pessoas representativas da sociedade brasileira: simbolismo de “civilidade” à beira do lindo pendão da esperança. Sete dias depois, um grupo de terroristas, fiéis ao rato de esgoto, invadiu e depredou o mesmo Palácio do Planalto. Sorriram para as câmeras, desdenharam da população, infectaram as entranhas do povo brasileiro.

CORTE SECO.

A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Quem de nós protegerá cada história impressa nos jornais, nas telas das TVs, nas paredes da casa dos que foram aniquilados, nas empenas dos prédios, na mancha vermelha que borra o asfalto? No sangue que corre pelas veias, o país agoniza e pede socorro. É assim desde a primeira missa: “Aceita qu’eu levo tua alma”. Todos juntos, Brasil adentro, entre políticos infames em processo de putrefação; entre miniaturas de homens públicos querendo roubar o pão que o diabo já amassou; entre as florestas devastadas pelas mãos e pela face do horror; entre o quase extermínio dos povos indígenas. É assim diante do pastor que clama pelo dízimo dos desvalidos, do olho por olho, do dente por dente.

É assim por dentro da poética, sofisticadíssima, da verdadeira cultura popular, original, agonizante, que acena com o viés da ancestralidade, do que é mestiço e ainda não tem nome, do sagrado barroco-rebolado, do profano das carnes ao cio. É assim na criação que apenas sobrevive porque está nas entranhas desse povo brasileiro, ímpar de corpo e alma, e não porque existam políticas públicas que verdadeiramente entendam o que se chama cultura.

O Presidente da República sabe o que é cultura? Os ministros do Poder Executivo sabem o que é cultura? Os governadores dos acordos embutidos sabem o que é cultura? Os prefeitos negociáveis sabem o que é cultura? Os diretores de museus e de instituições públicas e privadas sabem o que é cultura? Os produtores culturais sabem o que é cultura? Os curadores dos egos tarja preta sabem o que é cultura? Assim sendo, o tiro não sai pela culatra.

PLANO SEQUÊNCIA.

A bomba explode do Oiapoque ao Chuí. Nossos “irmãos”, sempre muito afetuosos, já que somos o terceiro país no mundo que mais acredita em Deus, de frente para o espelho rezam para que a próxima bala perdida não atinja os próprios crânios. De dentro da noite dos tempos, um vírus desperta. A pandemia fecha as portas do mundo. A ciência envia um WhatsApp para a humanidade: “Fé não resolve”. O rato de esgoto arranca a própria máscara, lava as mãos. A morte chega sem piedade: “Ar, ar, ar, por misericórdia!”. Milhares de pessoas são enterradas no coração do Brasil.

No fundo do poço, o bufão está nu.

O país grita, geme, agoniza, gosma. As armas são erguidas. Na calada da noite, das madrugadas e do dia seguinte, homens, mulheres e crianças são covardemente executadas. As bandejas de prata estão polidas. A próxima cabeça será exibida em rede nacional. Entre o luxo e o lixo, o carnegão da casa grande continua navegando por dentro das nossas veias, por dentro das cicatrizes que não se transferem, por dentro do ódio encarnado via internet, por dentro do amor Gardenal, por dentro do resto de nossas vidas que levaremos para descobrir quem matou o nosso filho.

É assim em Terra em Transe.

Motumbá!

Eu fico.

Diógenes Moura

Escritor | Curador de Fotografia | Editor



CARIRI EM TRANSE

Concebida especialmente para o 1º Fotofestival SOLAR, realizado em 2018 na cidade de Fortaleza, a exposição Terra em Transe reuniu, em sua primeira versão, 53 fotógrafos de diversas regiões do país, com cerca de 300 fotografias, anunciando quatro anos de pesadelo e pandemônio.

Expondo a vida real de um Brasil que o curador Diógenes Moura percorre há mais de 50 anos, a mostra foi construída com uma visão curatorial de forte contexto sociopolítico. Como projeto itinerante e de permanente atualização nacional, introduz assuntos como violência, paixões exacerbadas, meio ambiente, sobrevivência, ética e intolerância, temas de grande impacto na cultura, na mídia e no trabalho de artistas diversos – e, portanto, na população brasileira.

Na primeira itinerância, realizada em São Paulo, no Museu Afro Brasil em 2021, a exposição reuniu 95 fotógrafos em 580 fotografias. A segunda edição mostrou os desastres ambientais, a pandemia, as polarizações e as respectivas consequências causadas por poderes obtusos e corruptos, que ainda persistem em forças ocultas com resistência em desaparecer. Foram duas versões em duas capitais importantes do Brasil, em anos muito críticos.

Agora, a exposição chega ao Centro Cultural do Cariri em sua terceira versão, marcada pelos tempos atribulados em que vivemos, mas com um pouco da esperança de mostrar outro momento sociopolítico, um outro território sociobiodiverso na cultura, nas expressões, nas tradições e nas contradições.

Nesta versão, temos 13 novos nomes, entre fotógrafos e artistas visuais da região do Cariri cearense, que foram incluídos depois de uma convivência com o curador da exposição, que revisitou a região para selecionar a produção artística destes autores, adicionando 30 novas imagens.

A Terra seguirá em transe, em sua construção por outros territórios, levando a visão deste Brasil eferescente, múltiplo, que tem na fotografia um instrumento valioso de memória, transformação e expressão – e quem sabe, de uma nova visão que nasce de um desastre anunciado para surgir no horizonte como possibilidade de reconstrução da cultura por meio da imagem, da arte e da educação.

Rosely Nakagawa
Diretora do Centro Cultural do Cariri

FOTO NAYARA JINKNSS



ENTREVISTA COM O CURADOR

QUAL O PRINCÍPIO QUE FUNDAMENTA A SUA CURADORIA EM TERRA EM TRANSE?

Olha, esse projeto, Terra em Transe, não é uma curadoria, o projeto Terra em Transe é um processo. Eu acho que é um processo que de certa forma resume, não é que resuma, mas que explica, talvez, ou não explique, ou apenas seja uma sugestão consciente e lúcida de todos esses últimos 35 anos de trabalho com a literatura, primeiro, e depois com a imagem. Então não é uma curadoria, é uma experiência de vida. É meio patético falar isso, experiência de vida, porque como democracia, resistência e não sei o que, viraram palavras vulgares, que não têm mais sentido nenhum diante desse mundo politicamente correto e instagramável, onde as palavras que significavam alguma coisa vão perdendo sentido e, então, viram cultura de massa. Terra em Transe não tem nada, absolutamente nada a ver com o filme do imenso Glauber Rocha. O filme é um tratado, digamos assim, de um lugar fictício, Eldorado, e aí tem uma convulsão política dentro desse lugar. Terra em Transe é a vida real de um Brasil pelo qual eu viajo há 55 anos, então conheço um pouquinho.



COMO VOCÊ ENXERGA AS TRANSFORMAÇÕES DO BRASIL NESSES ANOS TODOS DE TRABALHO?

Acho tudo normal. Normal porque é trágico. Então, não tem novidade nenhuma. A política é a mesma política de sempre, a humanidade é a mesma humanidade de sempre. O país, claro que teve grandes avanços porque tem pessoas muito sérias trabalhando, mas a violência é tripla. As convulsões sociais são convulsões que vão se atualizando com o vocabulário do mundo contemporâneo. Não vejo novidade nenhuma porque, como eu não tenho nenhuma expectativa nem em relação à humanidade, nem em relação ao país, para mim está tudo absolutamente dentro de um contexto do século XXI. Onde nós conseguimos a proeza de ser, pela décima quarta vez, o país que mais mata pessoas trans. E esse mesmo país quer ser hexacampeão de futebol. E esse mesmo país que mata é um país onde não se pode ser triste. É um país onde você não pode pensar na morte. É um país onde as pessoas mais velhas, que essa história de melhor idade é idiota, e de terceira idade também é idiota, a gente envelhece, que não dá valor a essas pessoas que têm a sua experiência, que entram na velhice, que ultrapassam o tempo de vida conseguindo se manter vivo, não ser assassinado, não enlouquecer, não entrar em depressão. Isso é terra em transe. Terra em Transe é uma exposição feita para sangrar. Não me interessa essa história de felicidade e nem de Deus, o Deus de Terra em Transe é Exú, embora tenha todos os outros deuses.

PARA VOCÊ, DESDE QUANDO A TERRA ESTÁ EM TRANSE?

Eu acho que essa palavra transe é uma palavra muito bonita. Se você mudar uma vogal, ela muda para a transa, e aí ela entra em uma área muito bonita, que é a área do desejo. Eu acho que a Terra está em transe desde que existe mundo e que vai continuar. A questão é como você enxerга, como você vê isso. Para mim, a Terra está em transe em tudo, nos 30 metros da escultura ou estátua do Padre Cícero [Romão Batista]. É o transe que a gente vê na Quimbanda, na Umbanda. É a violência das ruas. É o meio ambiente, são as questões indígenas. Tudo isso é antigo, desde muito antes das três quedas de Cristo, que eu acho que é a grande primeira performance da humanidade – deveria estar sempre na Bienal.



QUAL A RELAÇÃO DE DEUS EM TERRA EM TRANSE?

Essa questão do Deus em Terra em Transe é uma questão muito aberta. Porque ali tem tudo. Tem todas essas religiões. A questão que me incomoda é esse ceticismo em relação a essa crença. Crença é uma coisa. Deus é outra, para mim. Em Terra em Transe, essa relação com Deus aparece de várias formas. Ela aparece no momento em que a gente entra pela ditadura, na comoção do enterro do estudante que foi assassinado no restaurante Calabouço, pelo abandono das cidades, por todas as religiões, pelas manifestações que são mais deslumbrantemente, mais existentes no país, as manifestações populares.

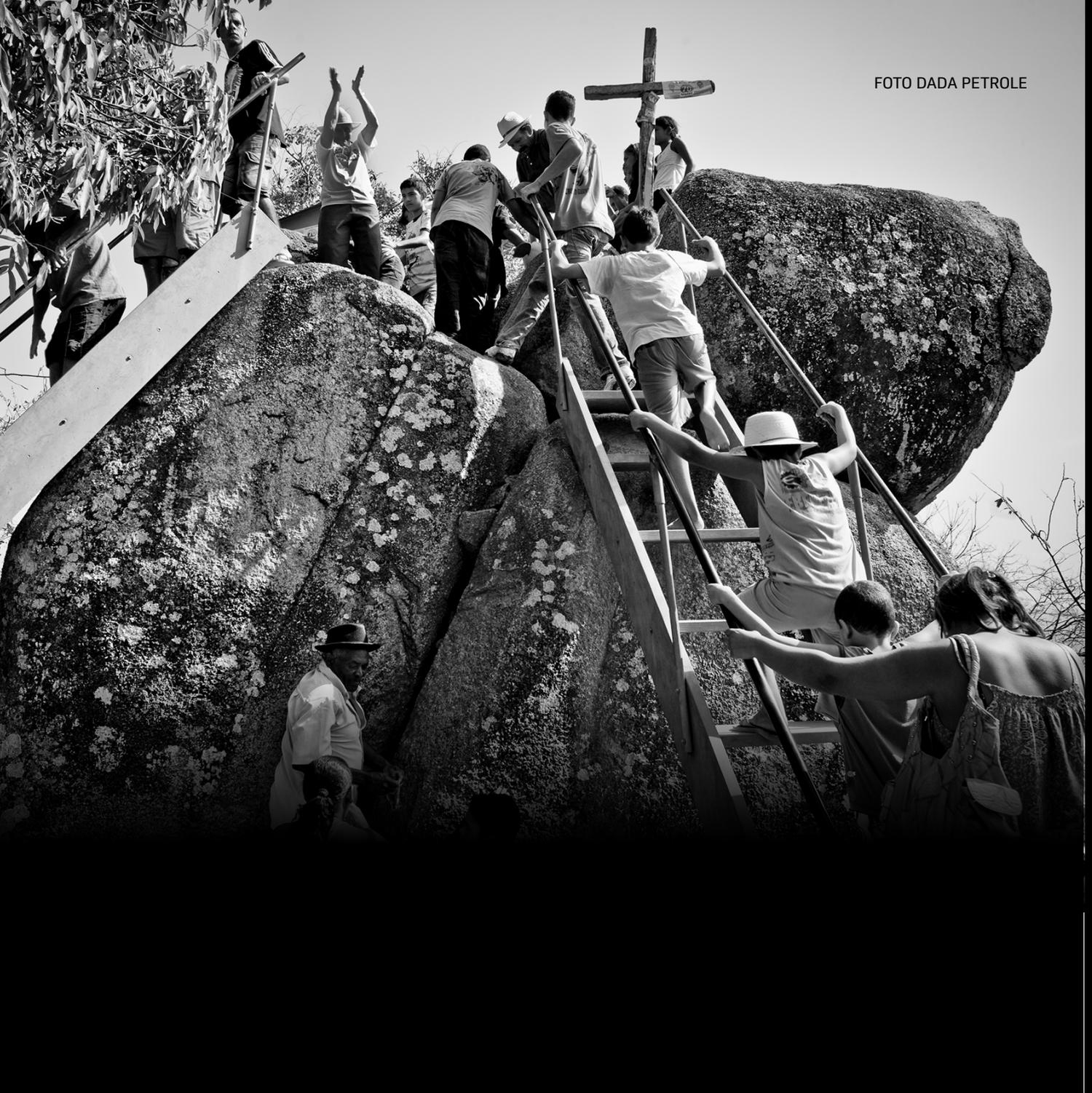
A FIGURA DE EXU SE RELACIONA COM A COMPLEXIDADE E AS CONVULSÕES SOCIAIS DE TERRA EM TRANSE EM QUE MOMENTO?

Exú só se relaciona com essas conjunções sociais para quem presta atenção nisso, e para quem acredita e entende alguma coisa do que seja Exú, deturpado pela Igreja Católica como sendo um demônio, uma figura do mal. Do outro lado disso, ele é um mensageiro, é ele quem abre os caminhos, por isso tem uma escultura feita especialmente pelo mestre Amurabi, lá do Mestre Noza, que ela fica dentro de todo esse núcleo das religiões, da arte e da religiosidade. Então, eu sempre presto muita atenção nisso porque é uma coisa que me pertence, eu acho que ele tem algo de revolucionário no pensamento, nessa figura imagética, as variantes dele, de vários Exús que existem. Para mim, isso é muito mais bonito do que simplesmente você botar um Cristo numa cruz.



COMO FOI A BUSCA DESSAS PESSOAS, FOTÓGRAFOS E IMAGENS?

Eu conheci muitos fotógrafos, viajei pelo mundo durante o período da curadoria de fotografia. Tudo comigo é muito confortável, desse ponto de vista. Primeiro porque eu sempre fui muito atento, não só à palavra, mas ao que está à minha volta. Segundo porque eu vivi um período muito importante para mim, que foram os anos 1970 e os inícios dos anos 1980, numa cidade que se tornou um varejo, uma cidade profundamente violenta atualmente, Salvador. No período que eu vivi em Salvador, ela era uma cidade de referência no mundo, o mundo inteiro descia lá. E isso foi se modificando, aí veio o carnaval, veio tudo isso, esse mundo em que a gente vive. Isso não é saudosismo, isso é realidade. Então, ali já havia uma grande oferta imagética à cidade, que é deslumbrante. Antes disso, como eu sou de Recife, nasci e me criei em Recife, nasci às margens do Rio Capibaribe, a imagem daquela cidade de dia e de noite, toda a imagem daquilo que o recifense, o pernambucano é, sempre ficou dentro do meu inconsciente. E quando eu me mudei para São Paulo, há 34 anos, uma metrópole se instalou dentro de mim. Então, o resumo de tudo isso é um pequeno domínio dessas várias nuances de imagens, mas, sobretudo, um percurso de conhecimento. Então, os fotógrafos se tornaram meus amigos, com raríssimas exceções.



E O PROCESSO EXPOGRÁFICO?

Olha, quando fui convidado pelo FotoFestival SOLAR para fazer este trabalho, eu já sabia o que queria construir, mas aí aconteceu uma coisa trágica, minha irmã descobriu um câncer no pâncreas. Então, a edição final, os últimos seis meses de Terra em Transe foram os últimos seis meses que minha irmã estava morrendo. Terra em Transe foi criado dentro de uma morte, uma morte real da minha única irmã. E isso foi um grande conflito, pois não era uma morte absolutamente única, minha e da minha família, mas eu refletia a morte de um país. Eu espero que isso fique claro. No Museu Afro ficou claro, lá Terra em Transe teve uma coisa muito interessante, que nós conseguimos juntos a produção do museu, da energia do homem mais importante desse país, desse ponto de vista de direção e de curadoria, Emanuel Araújo, que infelizmente morreu e ficou esse buraco para sempre, ela teve a iluminação perfeita, porque era a iluminação dramática que fazia com que tudo isso ficasse ainda mais visível. A montagem do Museu de Arte Contemporânea foi uma montagem fundamental para que, do ponto de vista expográfico, a exposição se estabelecesse. Dali em diante, veio uma pandemia em 2020, e eu passei um ano e dois meses recortando jornais de todo o Brasil para que pudéssemos ter essa sala da Covid-19. Então, ela foi morrendo e renascendo junto. Eu acho que Terra em Transe é, na minha vida, esse intervalo que a gente vive, um intervalo entre a vida e a morte. Entre a vida e a morte tem um intervalo. O intervalo é essa existência. É disso que trata a exposição.

NO CARIRI, O PROCESSO DE CURADORIA INICIOU QUANDO?

Eu venho no Cariri desde 2006, então eu já conhecia os trabalhos dos fotógrafos. Esse processo eu fiz junto com o Allan Bastos, que foi quem fez a assistência para mim aqui no Cariri. Foi simples e delicioso ao mesmo tempo. Nesta edição, entrou o trabalho de onze fotógrafos e um artista visual da região, que contam da devoção ao padre Cícero, das histórias todas que existem ao redor de tudo isso, da Beata Maria de Araújo, o reisado, a multidão do menino Dadá, o pau que ninguém viu, que são três imagens do Allan, novas, recentes. Então, ela fala o que os fotógrafos do Cariri narram, dessa cultura original, que não é cultura de massa, e que não deve se submeter ao poder que os curadores imaginam que tenham, que vivem em São Paulo, no Rio de Janeiro. É isso que se tem que prestar atenção.



FOTO RICARDO SENA

IMAGENS, ÁUDIOS E VÍDEOS PARA DOWNLOAD

FOTOS PARA DIVULGAÇÃO

CONVITES

TEASER 01

TEASER 02

TEASER 03

SPOT

EXPEDIENTE

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

BIBIANA BELISÁRIO
Coordenadora de Comunicação

ALLAN BASTOS
Coordenador de Comunicação
Institucional

NIRVANA LIMA
Analista de Mídias Sociais

PÂMELA QUEIROZ
Analista de Rádio

AÉCIO DINIZ
Analista de Rádio

RAFAEL MONTEIRO
Designer

SAMUEL MACEDO
Fotógrafo

BRUNO JUSTINO
Estagiário